

Amor de mãe, poderoso e transformador

Publicado 12/05/2017 - 22h36 - Atualizado 12/05/2017 - 22h36 Por **Kátia Camargo**



Divulgação

"O mundo se tornou uma grande ausência. Tanto de vida, como de sentimentos. Nesse período, o ambiente turvo e sombrio revelava o pior da maioria das pessoas e o melhor de poucas." - MAURA PALUMBO, ADVOGADA E ESCRITORA

A escritora Maura Palumbo é advogada e sempre pesquisou sobre a Segunda Guerra Mundial. Sua paixão por livros históricos vem desde a infância, incentivada pela mãe. Isso a fez tornar-se possuidora de uma biblioteca considerável sobre a história mundial. Recentemente, ela lançou seu primeiro livro, *O Perfume das Tulipas*, um romance que traz à tona o tema da Segunda Guerra. No momento ela prepara o segundo livro, sobre os sobreviventes de Auschwitz. Ao estudar a Segunda Guerra, Maura constatou a marcante presença das mulheres mães que ajudaram a construir parte da história da humanidade, entre elas, as mães judias e as nazistas. A escritora também vê semelhanças nessas mães com as atuais. Em entrevista à *Metrópole*, ela conta um pouco de sua experiência.

Revista *Metrópole* – A senhora é autora do romance *O Perfume das Tulipas*, que é ambientado na Segunda Guerra Mundial, e dá palestras sobre o tema. De onde veio esse interesse?

Maura Palumbo - Esse meu envolvimento pelo período histórico da Segunda Guerra Mundial surgiu desde muito cedo, aos catorze anos, quando li *O Diário de Anne Frank*. Considero que me transporte para aquela situação de privações e riscos. A partir daí meu interesse foi crescente. Documentários, filmes e principalmente livros. Dentre esses, *Mein Kampf*, obra de Adolf Hitler, que me levou a repudiar e conhecer o verdadeiro perigo de uma política ditatorial, baseada na violência e extermínio. Li várias biografias de líderes e seus subordinados e pude ter o prazer de explorar o mundo dos historiadores especializados no assunto. A Segunda Guerra é o maior conflito mundial que existiu. Eu defendo a ideia que ela nunca terminou. Seus efeitos nocivos estão presentes na brutalidade e no ódio que assistimos em tempo real. A vida humana deixou de ser um tesouro precioso para se tornar uma estatística.

Por que a senhora resolveu pesquisar sobre as mães das culturas judias e nazistas?

Escrever o livro *O Perfume das Tulipas* foi a minha total entrega de viver cada personagem, principalmente as mães do livro. Era fato que enquanto as mães nazistas eram preparadas e doutrinadas para gerar vidas de uma linhagem pura, as mães judias assistiam o sofrimento e morte de seus filhos. Com o desenvolvimento e desfecho da guerra, mães nazistas e mães judias se igualam na dor, chegando ao mesmo ponto de destruição, onde o seu bem maior foi arrancado, a vida de seus filhos.

Em suas pesquisas a senhora conta que as mães arianas nazistas ganhavam prêmios para ter um grande número de filhos e os educar dentro dos preceitos de Hitler. Como isso era embutido na cabeça dessas mulheres?

A adesão ao nazismo significava submissão total. Essa obediência cega era geral, homens e mulheres eram comandados, sem questionamento. A mulher representava a perpetuadora da raça pura ariana. E para ela servir ao Reich e ao Führer (Hitler) era um privilégio, uma missão honrosa. Quanto mais filhos, mais recompensas. A dominação desse poder político induzia mães a serem as primeiras orientadoras e incentivadoras sobre a doutrina do regime para seus filhos. Essas mães acreditavam que os ensinamentos nazistas protegeriam seus filhos, transformando-os em grandes heróis patriotas. A manipulação e a imposição de regras era a conduta máxima no governo hitlerista. A persuasão, principalmente criada pela propaganda, foi a maior ferramenta utilizada. Convém mencionar que esse poder foi idealizado por homens e que naquela sociedade, assim como em tantas que conhecemos, a intervenção da mulher é quase nula, existindo apenas algumas atividades concebidas e concedidas pelo controle masculino.

E as mães judias? Em suas pesquisas, algum caso chamou sua atenção?

Mãe é sinônimo de força. Seja ela judia ou de qualquer outra religião. Importante mencionar é a que tipo de situação essas mães judias, no Holocausto, estavam sujeitas. É absolutamente indescritível o poder de força desse amor materno nesse sangrento conflito. A barbárie incluía assistir a seus filhos em um sofrimento brutal com execuções sumárias. O que pedir para salvar seus filhos naquele cenário de miséria e terror? A tortura diária ou a morte instantânea? Esse poder materno que cura e liberta foi sufocado por fome, doenças, medo e morte. Como não se revoltar com as filas intermináveis de mães abraçadas aos seus filhos, a caminho das câmeras de gás? Como não se desesperar com uma mãe desorientada, gritando com seu filho morto no colo, no gueto de Varsóvia? Ou, recentemente com o pai de duas meninas na Síria, mortas por armas químicas?

Quais as diferenças ou semelhanças marcantes entre essas mães e as atuais?

Mãe é camaleão. Altamente adaptável para defender seus filhos. Esse forte sentimento de amor tem características raras de doação, proteção e sacrifício. Vejo claramente essas características nas mães da Segunda Guerra e as mães atuais. Embora as relações tenham se tornado rápidas e virtuais, acredito na existência dessa ligação única entre mãe e filho. Torna-se cada vez mais necessária a presença desse amor para garantia de gerações saudáveis. Praticar esse amor é a verdadeira criação de vidas grandiosas.

Sua mãe foi uma de suas grandes incentivadoras na leitura?

Minha mãe foi a medida exata da paixão e da informação. Ganhar livros dela era uma demonstração de amor e de incentivo. Ela conduziu esse processo de aprendizado, com muitas possibilidades. Ela foi minha primeira professora. Aprendi a ler e a escrever muito cedo e isso foi o início de grandes descobertas. A partir daí, o encantamento por livros infantis e enciclopédias foi automático. Tínhamos uma biblioteca em casa, confeccionada pelo meu pai. Minha mãe a abastecia com frequência. Vejo a presença de minha mãe e de meu pai, em cada livro que leio, e mais ainda, naquilo que escrevo.

Seu próximo livro será a biografia do uruguaio Francisco Balkanyi, filho de judeus húngaros que foi levado para Auschwitz junto com o pai e sobreviveu. Nele, a mãe também terá um papel fundamental? O que ocorreu com a mãe dele?

A mãe de Balkanyi é a manifestação do poder absoluto de uma mãe que se supera em amor e coragem. Em meio ao perigo, ela profetiza com os três, ela, marido e filho, se encontrarão no final da guerra, no lugar que moravam, na cidade de Cacovec, na época, Hungria. Eles são deportados para Auschwitz e conseguem sobreviver após todo o horror a que foram expostos. Na verdade, apenas duas famílias inteiras do mundo sobreviveram ao inferno Auschwitz, uma delas é a Balkanyi. Vale mencionar que a mãe de Francisco, se arriscou pela vida de sua família.

Quais as manifestações mais emocionantes relatadas em depoimentos pelos sobreviventes?

Cada apelo, cada lágrima, cada ameaça, cada abraço era significativo. Não podemos deixar de mencionar o grande número de mães que deixavam de comer para alimentar seus filhos. No aconchego dos braços, no colo, para aquecer sua prole em farrapos. Nas muitas mães que escondiam seus filhos nos guetos para que eles não fossem deportados para os campos. Outras tantas, entregaram seus filhos a pessoas desconhecidas, porém generosas, que se dispunham a salvá-las. O que ver nessas mães, que não seja amor? Nesse período, o ambiente turvo e sombrio revelava o pior da maioria das pessoas e o melhor de poucas. Essas raras pessoas foram capazes de tornar o amor materno vivo. Como Irena Sandler, uma assistente social católica, polonesa, que desafiou a fúria nazista e salvou duas mil e quinhentas crianças judias, ou até mesmo o britânico Nicholas Wilton, que salvou seiscentas e sessenta e nove crianças tchecas judias.

O papel de mãe muda muito em diferentes culturas?

Considero que as diferentes culturas podem fazer com que a expressão do amor materno se manifeste de maneiras diversas, mas a intensidade dele deve ser revelada igualmente. É a única forma de amor que pode salvar. Poderoso e transformador, esse amor é capaz de construir e fortalecer laços, incondicionalmente. Esse vínculo mãe e filho deve ser inabalável. Essa condição não se rompe. Esse amor de proporção gigantesca deve ser mantido, cultivado e perpetuado como herança, não se restringindo apenas a um instinto feminino, mas um amor tão vibrante e avassalador que pode contaminar quem estiver vivendo a condição de mãe.